

## NOTÍCIA DA LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA: AS MENÇÕES AOS ROMANCES NACIONAIS TRADUZIDOS NA IMPRENSA BRASILEIRA (1870-1910)

NOTE SUR LA LITTÉRATURE BRÉSILIENNE TRADUITE: LES MENTIONS DES ROMANS BRÉSILIENS TRADUITS DANS LA PRESSE BRÉSILIENNE (1870-1910)

Valéria Cristina Bezerra\*  
valeria\_bezerra@ufg.br

**RESUMO:** Romances brasileiros tiveram circulação internacional por meio da tradução e promoveram o reconhecimento da literatura brasileira em diferentes espaços literários, onde pessoas de letras emitiram comentários e críticas a esses romances e à literatura nacional brasileira. Essa repercussão favoreceu a legitimação da literatura brasileira em âmbito transnacional. O reconhecimento internacional só teria significado para as letras brasileiras se leitores e literatos no Brasil estivessem a par dessa difusão, para assim darem o devido valor à literatura local, constantemente em embate por espaço diante da significativa presença de obras estrangeiras no mercado de livros brasileiro. Para isso, colaboradores e jornalistas de periódicos no Brasil mantinham o público informado quanto à tradução e à repercussão de obras brasileiras em língua estrangeira. Este trabalho tem como objetivo identificar as obras brasileira traduzidas em diferentes idiomas que foram noticiadas na imprensa brasileira e analisar o valor conferido a essas traduções pelas pessoas de letras no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance; Literatura traduzida; Literatura brasileira.

**RÉSUMÉ:** Les romans brésiliens ont circulé internationalement en versions traduites, qui ont favorisé la reconnaissance de la littérature brésilienne dans différents pays, où les gens de lettres ont commenté et critiqué ces romans et la littérature nationale brésilienne. Cette diffusion a favorisé la légitimité de la littérature brésilienne à l'échelle transnationale. La littérature brésilienne pouvait davantage bénéficier de cette reconnaissance internationale si les lecteurs et les gens de lettres au Brésil étaient informés de cette diffusion, leur permettant ainsi d'accorder la juste valeur à la littérature locale, qui luttait constamment pour un espace face à la présence importante d'œuvres étrangères sur le marché du livre brésilien. À cette fin, des collaborateurs et des journalistes de périodiques brésiliens ont tenu le public informé de la traduction et de la répercussion des œuvres brésiliennes en langues étrangères. L'objectif de cet article est d'identifier les œuvres brésiliennes traduites dans différentes langues, rapportées par la presse brésilienne, et d'analyser la valeur accordée à ces traductions par les gens de lettres brésiliens.

**MOTS-CLÉS:** Roman; Littérature traduite; Littérature brésilienne.

### *Introdução*

A literatura brasileira do século XIX foi interpretada pela historiografia do século XX segundo um critério de nacionalidade, que restringiu o pensamento e a produção literária brasileiros às questões e fronteiras nacionais. No entanto, a literatura brasileira se constituiu

---

\* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

em um contexto permeado pela presença estrangeira e em diálogo com mediadores estrangeiros, atentos ao que se passava no Brasil em termos literários e culturais. Essa interação era vista com interesse e mesmo estimulada pelas pessoas de letras do Brasil, pois, por meio dela, a literatura do país obteria sua autonomia e prestígio. As traduções de romances de José de Alencar, já estudadas, são exemplares desse empenho na tradução de obras brasileiras e em sua repercussão internacional.<sup>1</sup> Contudo, outros escritores nacionais tiveram seus trabalhos traduzidos ainda no século XIX, sem que tenham sido objeto de estudo ou mesmo noticiados pela historiografia literária brasileira. Os inventários de traduções se esforçam para preencher essa lacuna e informar o público sobre as obras brasileiras que foram traduzidas (Abreu, 1957).<sup>2</sup> Mesmo esses documentos não foram capazes de identificar todas as iniciativas, bem-sucedidas ou não, de traduções de obras brasileiras, devido ao desaparecimento de alguns títulos ou mesmo da inexistência de registros nas bibliotecas, uma vez que algumas dessas traduções não chegaram a ser publicadas. Este trabalho busca, portanto, verificar, a partir da imprensa brasileira, as traduções de romances brasileiros que foram noticiadas e, também, identificar o valor dessas traduções, segundo as pessoas de letras do Brasil, para a afirmação e reconhecimento da literatura nacional.

Para isso, foi realizado um levantamento nos jornais, por meio da ferramenta de busca textual da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Para cada década do recorte, que vai de 1870 a 1910, foram inseridas, no campo de busca, as expressões “traduzido para”, “traduzida para”, “vertido para”, “vertida para”, a fim de se identificarem frases como “O livro do Dr. Affonso Celso, *Minha filha*, foi vertido para o espanhol e está sendo publicado em folhetim num jornal da Bolívia” (*O Paiz*-RJ, 15 jun. 1895, n. 3909).<sup>3</sup> Esse tipo de busca gerou uma grande quantidade de ocorrências referindo-se a

---

<sup>1</sup> Remeto aos trabalhos de Wiebke Röben de Alencar Xavier, Ilana Heineberg e de minha autoria sobre o assunto. Dentre eles, conferir: HEINEBERG, Ilana. Peri com sotaque francês: um estudo de três traduções de *O Guarani*. In PELOGGIO, Marcelo; VASCONCELOS, Arlene Fernandes; BEZERRA, Valéria Cristina (Orgs.). *José de Alencar: século XXI*. Fortaleza: Edições UFC, 2015; XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. O encontro do *Ubirajara* alencariano com a sua primeira tradução alemã de 1886. In Op. Cit; BEZERRA, Valéria Cristina. *A literatura brasileira em cenário internacional: um estudo do caso de José de Alencar*. Belo Horizonte, MG: Relicário/ABRALIC, 2018.

<sup>2</sup> O *Index Translationum*, da UNESCO, não repertoria obras brasileiras traduzidas no século XIX. Consulta feita no site <https://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx>, acesso em 12 de abril de 2024.

<sup>3</sup> Foram feitas tentativas de pesquisas com expressões como “vertido em”, “traduzido em”, mas a ferramenta de busca desconsidera a preposição “em” e leva em conta apenas os termos “vertido” e “traduzido”, invalidando o filtro e oferecendo um número massivo de ocorrências, difíceis de triar. Vale ressaltar, portanto, que por mais

traduções “para o vernáculo” ou “para o português”, que foram descartadas, sendo registradas apenas as referências às obras brasileiras em idiomas estrangeiros. Também não foram consideradas as traduções de peças de teatro, contos e poemas, que contam com relevante número de traduções, o que excederia os limites deste artigo. O período analisado assiste ainda a um significativo número de traduções de obras de diferentes domínios, como ciência, medicina, imigração, agricultura, que também não integram os dados desta pesquisa. O recorte diz respeito a versões em língua estrangeira de romances brasileiros publicadas entre 1870 e 1910. O período de investigação se justifica em razão do início das menções nos jornais brasileiros a traduções dos romances de José de Alencar na Europa – escritor tido à época como “chefe da literatura nacional” pelos literatos e um dos pioneiros na inserção internacional do romance brasileiro – à primeira década do século XX, em que se inicia a circulação internacional de Machado de Assis, que se tornou o representante de maior prestígio do romance Oitocentista. Durante esse período, obras de diferentes escritores brasileiros conheceram versões traduzidas, como noticiam os jornais brasileiros desse período.

#### *1870: traduções “para tornar conhecido o Brasil”*

Na década de 1860, apesar de ter havido a tradução integral de *O Guarani* para o italiano em 1864 (Alencar, 1864), foi identificada apenas uma única menção à tradução de obras brasileiras no exterior. O jornal *Diário do Rio de Janeiro*, de 18 de janeiro de 1863, noticiou a publicação do segundo número do jornal *Le Brésil*, informando que, em meio ao conteúdo noticioso, a folha oferecia aos seus leitores a versão francesa do romance *O Guarani*. Essa tradução permaneceria inacabada, devido à interrupção precoce de *Le Brésil*. (Heineberg, 2015). Apenas no ano de 1872 é que outra tradução de um romance brasileiro foi noticiada:

Acaba de ser traduzido para o francês o interessante romance *O Guarani* do ilustrado Sr. conselheiro Alencar. Essa mimosa produção brasileira, há cinco ou seis anos, havia sido traduzida para o italiano. Segundo o *Echo Americano*, a versão francesa, do Sr. A. Hubert, é elegante e fiel (*A Reforma*, 4 jan. 1872, n. 2)<sup>4</sup>.

---

que tenha sido feito um levantamento detido a partir das expressões consultadas, este levantamento não se propõe a ser definitivo, pois podem ainda haver traduções mencionadas pela imprensa que não foram localizadas por esta pesquisa.

<sup>4</sup> As citações provenientes de periódicos oitocentistas tiveram sua ortografia atualizada. Foi mantida, no entanto, a ortografia original dos títulos dos periódicos.

Adolphe Hubert, que residiu no Brasil por 12 anos (Williams et al., 2016), foi diretor do jornal *Courrier du Brésil*, destinado à comunidade francesa. Hubert foi mencionado diretamente por Alencar em recibo passado a Garnier, em que esse escritor impunha como condição, para o acordo de venda da propriedade de romances de sua autoria, a cessão dos direitos de tradução de *O Guarani* ao tradutor por um período de um ano (Heineberg, 2015).

Ainda em 1872, foi anunciada no *Novo Mundo*, periódico brasileiro editado em Nova Iorque, a tradução de *Iracema*, de José de Alencar, para o inglês, juntamente com *O Uruguay*, de Basílio da Gama, conforme nota replicada no *Diário de Notícias*: “Pelo *Novo Mundo* sabemos que foi vertido para o inglês o poema *Uruguay*, de Basílio da Gama, e a lenda cearense *Iracema*, do chefe da literatura contemporânea, o Sr. Conselheiro José de Alencar. Foram os dois primores escolhidos, na antiga e moderna literatura brasileira (*Diário de Notícias*-RJ, 21 abr. 1872, n. 460).<sup>5</sup> José de Alencar é destacado na nota como expoente da literatura brasileira contemporânea, o que justificava sua seleção para a tradução, ao lado de um nome proeminente da tradição. Ambos os escritores, cujas obras eram tidas como primores, se mostrariam, portanto, representativos da imagem da literatura brasileira que se almejava difundir no exterior.

Em 1875, Joaquim Nabuco, em polêmica com Alencar, mencionou a tradução em inglês de *Iracema*, realizada, segundo o contendor, por Richard Burton (Nabuco, 1965). No entanto, em correspondência enviada por Isabel Burton, esposa de Richard Burton, ao editor do jornal *O Novo Mundo* José Carlos Rodrigues, esta afirmava ser a única tradutora de *Iracema*: “Sou a única tradutora de *Iracema*. Vou enviá-la para você”.<sup>6</sup> O editor do *Novo Mundo* expressou, ainda em 1872, seu interesse em publicar a versão de *Iracema* em inglês, juntamente com a tradução de *Manoel de Moraes*, de Pereira da Silva, também traduzido pelo casal Burton.

---

<sup>5</sup> Antes disso, em carta de 1868, Burton informava que havia concluído a tradução de *O Uruguay*. No entanto, essa versão só veio a ser publicada bastante tardiamente, em 1982, pela University of California Press, sob o título *The Uruguay* (a Historical Romance of South America). Richard e Isabel Burton viveram no Brasil entre 1865 e 1868. Conferir: BEZERRA, Valeria Cristina. *A literatura brasileira em cenário internacional: um estudo do caso de José de Alencar*. Belo Horizonte, MG: Relicário/ABRALIC, 2018. No século XIX, era usual se usar a grafia *O Uruguay* em referência à obra de Basílio da Gama, publicada em 1769 sob o título de *O Uruguay*. A tradução, inclusive, intitula-se *The Uruguay*.

<sup>6</sup> “I was the sole translator of *Iracema*. I will send it to you.” Carta de Isabel Burton para José Carlos Rodrigues, 21 de maio de 1872. Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, seção manuscritos. Localização: I-03,01,085. Tradução minha, assim como as demais traduções de citações feitas neste artigo.

Desconhecem-se as razões pelas quais essas traduções não foram publicadas por José Carlos Rodrigues nos anos de 1870.<sup>7</sup> Essas versões só foram à lume em 1886 (Bezerra, 2016).

Uma nova tradução de *O Guarani* foi noticiada em jornais em 1876, quando foi publicada a versão em língua alemã. De acordo com o jornal *A Lei*, da Bahia:

Lê-se na *Aurora Brasileira*, excelente revista publicada nos Estados Unidos: “*O Guarany*, romance tão popular no Brasil, acaba de ser vertido para o alemão, e acha-se à venda em New York no estabelecimento dos Messrs. Appleton & C., livreiros conhecidos no Brasil. Consta-nos que a mesma obra vai também ser vertida para o inglês. É com o maior prazer que inserimos esta notícia, que muito honra o nosso romancista modelo, o Sr. José de Alencar”. Além dessas versões, de que fala a *Aurora*, o belo romance do Sr. Alencar já foi traduzido para o italiano. O distinto escritor brasileiro deve sentir um justo orgulho, vendo o modo porque é vulgarizada uma de suas mais esmeradas produções, verdadeira obra prima entre os romances nacionais (*A Lei*-BA, ano 1, n. 9).

O *Publicador Maranhense* e outros jornais transcreveram a mesma notícia, acrescentando: “Nossos mui sinceros parabéns ao eminente literato, que tanto tem contribuído para tornar conhecido o Brasil” (*Publicador Maranhense*, 25 mar. 1876, n.70).<sup>8</sup> A notícia sobre essa tradução testemunha a satisfação dos colaboradores da imprensa com a difusão das obras de Alencar na Europa, repercussão essa que ratificava, na visão desses jornalistas, o mérito do representante maior da literatura nacional à época, autor de obras primas representativas da nacionalidade, que propulsavam a literatura brasileira no espaço internacional e que tornavam “conhecido o Brasil”. A nota reitera a existência da versão de *O Guarani* em italiano e dá notícias da preparação da tradução para o inglês, o que só ocorreria, de acordo com as traduções até o momento conhecidas e catalogadas, apenas em 1893.<sup>9</sup>

De acordo com Wiebke Xavier, a versão em alemão de 1876, intitulada *Der Guarany. Brasilianischer Roman von J. de Alencar*, foi realizada por Maximilian Emerich, que obteve pessoalmente de Alencar a permissão para a tradução e publicação em língua alemã. Em 1872,

---

<sup>7</sup> “Hoje temos a satisfação de anunciar que no decurso do ano próximo-futuro pretendemos publicar em livro essas duas últimas traduções, de uma das quais, o *Manuel de Moraes*, do Sr. Pereira da Silva, já temos o MS. em nosso poder, esperando brevemente receber o da outra, o *Iracema*, do Sr. J. de Alencar”. *O Novo Mundo*, 23 de outubro de 1872, n. 37. Ao que parece, Isabel Burton não enviou o manuscrito, conforme prometera em maio do mesmo ano.

<sup>8</sup> A mesma nota foi publicada pelos jornais *A Nação* (RJ), em 7 de março de 1876, n. 50; *Correio Oficial de Goyaz* (GO), em 17 de junho de 1876, n. 46.

<sup>9</sup> A edição foi estabelecida por Daniel Serravalle Emilene Lubianco de Sá e encontra-se disponibilizada no site <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=142944>. Acesso em 23 de abril de 2024.

outra tradução desse mesmo romance já havia sido publicada na Alemanha, na revista *Roman-Magazin des Auslandes*. Segundo Wiebke Xavier (2016), contrariamente à versão de 1872, publicada num veículo de destinação popular, a tradução de 1876 demonstra o interesse do tradutor em “canonizar Alencar como romancista nacional em alemão”.

As incursões de romances brasileiros em idiomas estrangeiros nos anos de 1870, noticiadas na imprensa, tornam manifesto o valor que as traduções conferiam à literatura nacional e o grande interesse que as pessoas de letras no país tinham na difusão da literatura brasileira no exterior. Nesse sentido, a *Gazeta da Tarde*, ao noticiar a publicação de traduções de obras de Pereira da Silva, ressalta: “É sempre lisonjeiro para as letras pátrias saber-se que qualquer trabalho de autor brasileiro é vertido para língua estrangeira”. A nota informa ainda que “Vincenzo Ruscala traduzira e publicara, em Turim, em 1876, a Crônica ‘Jeronymo Corte Real’” (*Gazeta da tarde*, 21 jun. 1890, n. 171).

Provavelmente o redator esteja se referindo a Giovanale Vegezzi Ruscalla, tradutor notório, que verteu ainda, da literatura lusófona, *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e *Frei Luís de Souza*, de Almeida Garrett, em 1844 e 1852 respectivamente (Castro, 1870). Ambas foram publicadas em Turim, onde Ruscala atuou em cargos públicos e colaborou com periódicos locais,<sup>10</sup> tendo sido diretor da célebre *Rivista contemporanea*, dessa mesma cidade (Serrano, 1878). Ruscala teve uma atuação bastante prolífica, atuando como intermediador cultural inclusive da literatura romena, da qual foi professor (Marinescu, 2015). Não há registros de exemplares de *Jerônimo Corte Real* em italiano nas bibliotecas da Itália, sendo possível, portanto, que a tradução da obra tenha sido veiculada em um dos periódicos de Turim.<sup>11</sup>

Em 1879, outra tradução de uma obra brasileira virou notícia, tendo alcançado o então império Russo. Não se trata de um romance, mas merece atenção, por dizer respeito a uma adaptação de um romance brasileiro. A ópera adaptada do romance *O Guarani*, composta por Carlos Gomes, estava sendo negociada para ter uma versão em língua russa: “Uma das provas

---

<sup>10</sup> Um breve resumo biográfico de Vegezzi Ruscalla encontra-se disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/giovenale-vegezzi-ruscalla\\_%28Dizionario-Biografico%29/](https://www.treccani.it/enciclopedia/giovenale-vegezzi-ruscalla_%28Dizionario-Biografico%29/). Acesso em 24 de abril de 2024.

<sup>11</sup> Agradeço a Giorgio de Marchis, professor na Università degli studi Roma Tre, por informações sobre Giovanale Vegezzi Ruscalla.

da grande aceitação do *Guarany*, na Rússia, é que já está tratada com a casa editora de Milão a aquisição do direito de ser cantada esta ópera, com *libretto* traduzido para a língua russa” (*Revista Musical de Bellas Artes*, 5 abr. 1879, n. 14). A nota não deixa claro se o sucesso de *O Guarani* naquela região provinha da ópera ou do romance. Durante os anos de 1870, a ópera *Il Guarany* conheceu um enorme sucesso na Europa, com representações nos principais teatros desse continente, o que pode ter favorecido a promoção do romance. Os romances de Alencar já contavam, por essa época, com versões parciais e integrais em diferentes idiomas e alcançavam sucesso na Itália e Alemanha, como demonstrado acima. A Rússia era um grande polo de produção de impressos, em sua maior parte de obras em evidência na Europa Ocidental. Não seria improvável a tradução do romance na Rússia, mas os dados indicam a presença, no acervo da Biblioteca Nacional da Rússia, apenas de partituras de *Il Guarany*, impressos em Milão em língua italiana, e ainda de um exemplar do libreto de autoria de Tomaso Scavini, em língua russa, publicado em Moscou por E. K. Olenina no ano de 1878.

#### *1880: Alencar e Taunay dividem a cena internacional*

Os romances de Alencar para idiomas estrangeiros voltaram a ser notícia nos jornais brasileiros nos anos iniciais de 1880, quando foram mencionadas traduções de *Iracema* para o inglês e para o alemão. O jornal *A Regeneração*, de Santa Catarina, noticia:

O romance-poema de *Iracema* do eminente escritor brasileiro José de Alencar, de saudosa memória, foi vertido para a língua inglesa pelo capitão americano C. Brown e vai ser editada uma tradução em alemão por H. Hemring, residente em Campos. É uma glória para a nossa pátria (*A Regeneração* - SC, 7 maio 1882, n. 34).

A notícia representa uma novidade, pois as traduções e os tradutores mencionados na nota são desconhecidos por especialistas no assunto.<sup>12</sup> As buscas em diferentes bases de arquivos foram infrutíferas, restando essa incógnita, até que futuras pistas venham a ser encontradas e permitam revelar a identidade desses intermediários e a efetiva existência dessas versões.

*Inocência*, de Alfredo d’Escagnolle Taunay, ganhou uma tradução em língua francesa nessa década de 1880, versão realizada por seu pai, Félix-Émile Taunay, que foi noticiada no

---

<sup>12</sup> Consultei Wiebke Röben de Alencar Xavier, maior estudiosa das traduções em alemão de romances de Alencar, que afirmou nunca ter tomado conhecimento de uma versão alemã realizada por H. Hemring, morador em Campos. Da mesma forma, não consta, na bibliografia sobre as traduções de Alencar para o inglês, tradução feita por um capitão americano chamado C. Brown.

*Baependyano*, de Minas Gerais: “O *Courrier International*, folha parisiense, está publicando em folhetim, vertido para o francês, o romance brasileiro *Inocência*, do Dr. Escragnolle Taunay” (*O Baependyano* - MG, 25 mar. 1883, n. 274). De acordo com Ilana Heineberg (2016), o *Courrier International* era uma espécie de “porta-voz oficioso dos governos latino-americanos”, distribuído no espaço transatlântico e comercializado sobretudo em Paris, com destinação ao público estrangeiro. Para Heineberg, a proximidade de Taunay com o imperador e com os órgãos oficiais podem ter favorecido a inserção desse romance numa folha que buscava promover o Brasil. Apesar de esse ter sido um jornal de pequena circulação,<sup>13</sup> a publicação de *Inocência* em língua francesa acentuava o valor de seu autor e do romance no Brasil, conforme testemunha o jornal *O Despertador*, de Santa Catarina: “A província de Santa Catarina deve, por certo, ufanar-se de ter como seu representante o vulto eminente, que de um modo tão honroso para o Brasil é considerado na capital da civilização do mundo” (28 mar. 1883, n. 2082).<sup>14</sup>

Em 1885, *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, ganhou versão em língua francesa. A *Gazeta de Notícias* informa sobre a publicação do primeiro número do hebdomadário redigido em francês intitulado *La France*, edição que trazia, na sessão Folhetim, os capítulos iniciais de *O Mulato*, “elegantemente vertido para o francês” (*Gazeta de Notícias*, 3 jul. 1885, n. 184). De acordo o jornal *Diario de Notícias*, o autor da tradução era Labarrière, proprietário de *La France* (*Diario de Notícias*, 27 jun. 1885, n. 21) e advogado francês residente no Brasil (*Diario de Notícias*, 4 jul. 1885, n. 28). *La France* era impresso no Rio de Janeiro e “destina[do] não só à defesa dos interesses da colônia francesa no Brasil como a tornar conhecidas na França, por meio de publicações de todo o gênero, as vantagens que o nosso belo país proporciona à imigração europeia” (*Diario de Notícias*, 27 jun. 1885, n. 21). A Fundação Biblioteca Nacional conserva o número 21 de *La France*, sugerindo que esse jornal perdurou o tempo suficiente para a publicação integral do romance. *O Mulato*, obra de 1881, foi referido pelo jornal *O Mequetrefe*, ao noticiar a tradução, como “notável romance brasileiro” (10 de jul. 1885, n. 380) e continuava em evidência, pois esteve em cena no Recreio Dramático no ano de 1884

---

<sup>13</sup> De acordo com Ilana Heineberg (2016), “O *Courrier International* foi um periódico modesto que, aliás, não chega a ser repertoriado em *Histoire générale de la presse française*”.

<sup>14</sup> Taunay era, à época, deputado pela província de Santa Catarina, por isso a referência a ele como “seu representante”.



(Silva, 2016). Conforme o *Diário de Notícias*, “*La France* [...] faz preceder o primeiro folhetim de algumas observações literárias de muito peso” (4 jul. 1885, n. 28). Não se sabe se essas “observações literárias” diziam respeito à literatura brasileira ou ao romance de Aluísio Azevedo. Possivelmente, o acesso a esses dados – por ora indisponíveis, devido à inexistência desse número nos acervos brasileiros – contribuiriam para o entendimento da escolha desse romance para a sua publicação em língua francesa nesse jornal.

Em 1889, os jornais brasileiros noticiavam a tão ansiada tradução de *O Guarani* para o francês. Depois de iniciativas malsucedidas de versões francesas desse romance em 1863, em 1870 e em 1885,<sup>15</sup> a *Gazeta do Parahyba* noticiava a nova investida nos seguintes termos: “O célebre romance de José de Alencar - *Guarani* - vai ser vertido para francês pelo Sr. Luiz de Castro, que assim fará conhecida pelo mundo uma das melhores obras da literatura nacional” (*Gazeta do Parahyba*-PB, 8 dez. 1889, n. 464). Luiz Joaquim de Oliveira e Castro Filho era filho Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, conhecido pela sua tradução para o português da *História do Brasil*, de Robert Southey. Castro Filho escreveu, em francês, *Le Brésil vivant* (1891), em que trata dos costumes do Rio de Janeiro e de sua vida cultural e social, por vezes de forma nada elogiosa. De acordo com Sacramento Blake (1900), Luiz de Castro Filho também realizou traduções para o português. No entanto, nenhum documento confirma que sua tradução francesa de *O Guarani* foi efetivamente realizada. Apesar de já existirem, nesse momento, versões do romance em italiano e alemão, a língua francesa era aquela que melhor concorreria, à época, para tornar essa obra “conhecida pelo mundo”, nobilitando-a, segundo a nota, como “uma das melhores obras da literatura nacional”. Consequentemente, a literatura brasileira também ratificaria seu mérito junto ao público, que a consideraria como uma literatura capaz de produzir obras de qualidade, dignas de terem a atenção de leitores exigentes nos grandes centros literários.

A partir de 1889, intensificam-se as notícias sobre as traduções de *Inocência*, de Taunay, em diferentes idiomas. Em março daquele ano, a revista *El Brasile*, destinada à

---

<sup>15</sup> Em 1863, capítulos iniciais do romance foram publicados em versão francesa no jornal *Le Brésil*, que teve apenas oito números. Em 1870, houve referências em documentos quanto à tradução de Adolphe Hubert, enquanto em 1885, novamente, esse romance teve apenas alguns capítulos traduzidos e publicados no jornal *Chronica Franco-Brazileira/Chronique Franco-Brésilienne*. Cf. BEZERRA, Valéria Cristina. A presença das obras de José de Alencar na França (1863-1907). *Acta Scientiarum. Language and Culture*, vol. 41, n. 1, 2019.

comunidade italiana do Brasil, dava início à publicação desse romance “vertido para a doce língua do Dante”, conforme nota da *Tribuna Liberal*, do Maranhão (15 mar. 1889, n. 102).

Nesse mesmo ano de 1889, *Inocência* ganhou versão em inglês, intitulada *Innocencia: A Story of the Prairie Regions of Brazil*. A tradução, publicada em edição ilustrada, foi anunciada nos jornais do Reino Unido entre final de 1889 e início de 1890. Foram publicadas críticas a seu respeito, com elogios, mas também alguns reparos. Em *The Scots Observer*, o colaborador estima que “Sylvio Dinarte não é um grande escritor, mas *Inocência* tem mais frescor e é mais divertida do que nove a cada dez obras de ficção que são atualmente publicadas (9 dez. 1889, p. 691).<sup>16</sup> O redator de *The Morning Post* foi mais lisonjeiro, ao dizer que “A obra oferece um interesse excepcional, tanto porque é boa o suficiente para ser digna de um lugar entre as melhores de sua categoria, quanto porque, como se depreende do prefácio do Sr. Wells, ‘é a primeira tradução publicada de uma obra de literatura leve de um autor brasileiro’” (24 dez. 1889, p. 3).<sup>17</sup> Na verdade, em 1886, havia sido publicada a tradução em inglês de *Iracema*, por Isabel e Richard Burton. Provavelmente essa afirmação se deve ao fato de *Iracema*, de Alencar, não ter sido considerada como pertencente à referida categoria de “literatura leve”.<sup>18</sup>

#### *1890: O êxito de Inocência no exterior “faz honra à nossa literatura”*

A repercussão de *Inocência* na imprensa de língua inglesa foi noticiada nos jornais brasileiros no início da década de 1890. Na *Gazeta de Notícias*, lê-se que “o imenso jornalismo de Londres, quase sem exceção de folha ou revista, tem se ocupado com grandes elogios desse aplaudido romance do Sr. Visconde de Taunay” (*Gazeta de Notícias*-RJ, 18 jun. 1890, n. 169).<sup>19</sup> A folha oferece, na sequência, a tradução de nota veiculada no jornal *The Graphic*, em que se destaca o enredo como “comovente” e até mesmo “humorístico” (*Gazeta de Notícias*-RJ, 18

<sup>16</sup> “Sylvio Dinarte is not a great writer, but *Innocencia* is a fresher and more amusing story than nine-tenths of the fiction that is published”.

<sup>17</sup> “The work offers exceptional interest, both because it is good enough to be worthy of a place among the best of its class, and because, as is learned from Mr. Wells’ preface, ‘it is the first published translation of any work of light literature by a Brazilian author’”.

<sup>18</sup> Os dados mostram que, de fato, a tradução em inglês de *Iracema* havia sido publicada por uma editora de prestígio para um público restrito. Conferir BEZERRA, Valéria Cristina. *A literatura brasileira em cenário internacional: um estudo do caso de José de Alencar*. Belo Horizonte, MG: Relicário/ABRALIC, 2018.

<sup>19</sup> Em junho de 1890, o periódico *A Federação*, do Rio Grande do Sul, reitera essa repercussão: “A imprensa de Londres tem se ocupado desse romance, de modo lisonjeiro”. *A Federação - Orgão do Partido Republicano* (RS), 27 jun. 1890, n. 145.

jun. 1890, n. 169). O texto faz elogios à qualidade da tradução realizada por James Wells, sobre quem se diz que “não podia a versão ser confiada a melhores mãos” e que estaria melhor habilitado a tornar conhecido do público inglês “preciosidades daquele valor”. A tradução da nota conclui com um apelo para que as obras brasileiras se tornassem cada vez mais conhecidas do público anglófono: “A menos que *Inocência* seja espécimen único, ali temos uma mina de romances brasileiros a explorar, à espera só de quem queira trabalhar” (*Gazeta de Notícias*-RJ, 18 jun. 1890, n. 169).<sup>20</sup> Em junho de 1890, o periódico *A Federação*, do Rio Grande do Sul, reitera a incursão londrina do romance: “A imprensa de Londres tem se ocupado desse romance, de modo lisonjeiro” (*A Federação*-RS, 27 jun. 1890, n. 145). A divulgação junto ao público brasileiro das traduções das obras nacionais assim como de sua repercussão no exterior corroborava para acentuar o reconhecimento da literatura nacional no próprio espaço brasileiro. Nesse sentido, a *Gazeta da Parahyba* ressalta o valor da tradução em inglês de *Inocência* para o prestígio da literatura nacional: “O benemérito e infatigável escritor brasileiro deve orgulhar-se por esse alto testemunho de apreço que acaba de receber, e que é bem merecido porque realmente a *Inocência*, segundo a opinião de um jornalista, é um livro que faz honra à nossa literatura” (5 jan. 1890, n. 482).

Em 1895, saiu a lume a versão francesa de *Inocência*, vertida por Olivier du Chastel e publicada no prestigioso jornal *Le Temps*. Segundo Ilana Heineberg, apesar do renome do jornal e de seu conteúdo sério, o folhetim se afastava desse propósito, por ser um espaço de diversão para o leitor. Para a estudiosa, da mesma forma que essa rubrica não atribuía notoriedade às obras publicadas, seu tradutor também não proporcionava prestígio à sua tradução, pois esta não validava a qualidade literária do romance, com a presença de supressões e modificações que anulavam as especificidades do romance (Heineberg, 2016). Na ocasião da publicação dessa versão em livro, em 1896, pelo editor Léon Chaillay, as notícias no Brasil não atentaram para os detalhes da versão, mas para o valor que uma nova tradução em língua francesa conferia à obra e à literatura brasileira. Para o jornal *O Apóstolo*, “com esta publicação vemos que vai entrando na França a literatura brasileira, pelo que os franceses não farão a injustiça de nos julgarem botocudos”. A nota termina “[...] felicitando o Sr. Olivier pelo serviço que presta à nossa literatura” (*O Apóstolo*-RJ, 31 maio 1896, n. 64). Mário Pardal publicou na *Gazeta da tarde* um artigo em que saúda a tradução como um incentivo aos

---

<sup>20</sup> O artigo original foi publicado no jornal *The Graphic* em 17 de maio de 1890.

literatos brasileiros, uma vez que o país ia se tornando conhecido na Europa, sobretudo em Paris, onde as obras estrangeiras tinham acolhida restrita e eram vistas de forma pitoresca. Para Pardal: “O parisiense, como é sabido, só conhece o que está dentro dos muros de Paris e até há pouco tempo, via-nos através da clava e do tacape” (*Gazeta da tarde*-RJ, 29 maio 1896, n. 148), perspectiva essa que começaria a mudar, segundo o redator, com a tradução de *Inocência*.

No final da década de 1890, momento que coincide com a morte de Taunay, para a imprensa brasileira e mesmo estrangeira, *Inocência* tinha o *status* de obra universal. Em necrológio veiculado no periódico *Gutenberg*, de Alagoas, *Inocência* representa um “romance originalíssimo que atestou ao velho mundo o vigor intelectual de nossa pátria e o qual acha-se hoje vertido para todas as línguas faladas pelos povos cultos” (29 jan. 1899, n. 19). O alcance desse romance chega a ser equiparado com o de dois dos maiores best-sellers da história do livro e da leitura: segundo o jornal *A República*, do Paraná, o necrológio publicado em *La Nación*, de Buenos Aires, dizia que “a *Inocência*, romance daquele literato, era conhecido por povos que só haviam traduzido para seu idioma a *Bíblia* e *D. Quixote*” (*A Republica*-PR, 9 fev. 1899, n. 32). Para mensurar o quanto há de exatidão ou de exagero nessa afirmação, faz-se necessário elucidar mais detidamente a circulação internacional das obras de Taunay, cujas traduções foram apenas parcialmente estudadas. Esse tipo de investigação não cabe nos propósitos deste artigo, que é sobretudo o de analisar a significação que essas traduções tiveram no espaço literário brasileiro.

Os periódicos brasileiros testemunharam a vasta repercussão internacional de *Inocência* e multiplicaram as notas sobre versões desse romance em diferentes idiomas no final do século XIX e início do século XX. Conforme *O Commercio de São Paulo*: “Ora, *Inocência* já foi traduzida em inglês, alemão, italiano, dinamarquês, sueco, japonês (pela versão inglesa) e em francês. Vai agora sê-lo em espanhol, por cuidado da casa Bouret de Paris, sucursal de Madri” (*O Commercio de São Paulo*, 16 set. 1896, n. 1064). A *Gazeta de Petropolis* reporta nota saída no *Jornal do Commercio*, em que se diz: “O dr. Boving-Peterson, de Copenhague, viajante naturalista que, há anos, percorreu o interior do Brasil, acaba de traduzir para o dinamarquês o popular romance do Sr. Visconde de Taunay, *Inocência*” (*Gazeta de Petropolis*-RJ, 23 out. 1894, n. 92). Em 1895, o periódico *A Noticia* informa seus leitores que *Il Corriere*

*della sera*, de Milão, estava publicando o romance em folhetim, sendo esta “a segunda versão italiana desse livro” (23 set. 1895, n. 244). A primeira versão em italiano foi uma edição em livro saída em 1893 em Turim pela casa L. Roux & Cia, traduzida por G. P. Malan, sob o título *Costumi Brasiliani, Innocenza: romanzo brasiliano*. A *Gazeta de Petropolis* mencionou essa tradução e transcreveu em português trecho do prefácio do tradutor em que saúda o amor do autor por seu país e sua engenhosidade (27 dez. 1892). Em 1901, o romance teve outra versão italiana, publicada em *La Tribuna Italiana: Giornale Quotidiano*, jornal de São Paulo destinado aos imigrantes italianos, conforme nota extraída do jornal *A Republica*, do Paraná (5 abr. 1901, n. 78).

Em 1895, o romance foi vertido para o alemão por Arno Philipp e publicado em folhetim no jornal *Deutsche Zeitung*, de Porto Alegre, destinado à comunidade teuto-brasileira. De acordo com Wiebke Xavier, Arno Philipp correspondia-se com Taunay, que demonstrou insatisfação com a demora da publicação dessa tradução em livro. Quatro anos depois, a versão foi finalmente publicada em livro, em Porto Alegre, por Cesar Reinhardt, edição essa que havia sido anteriormente negociada entre Taunay e a casa Laemmert e Cia, sem sucesso. Segundo Wiebke Xavier, Taunay colocava em prática ações para a promoção de seu romance no espaço transatlântico. Não foram localizadas referências na imprensa brasileira sobre a edição de 1903 publicada em Berlim por D. Dreyer & Company e traduzida por Carl Schüller, numa espécie de livre adaptação da versão de Arno Phillip (Xavier, 2016).

A tradução sueca, feita por Karl Hagberg e publicada em Estocolmo em 1896, foi referida pela imprensa brasileira,<sup>21</sup> assim como as versões de *Inocência* em língua espanhola, igualmente noticiadas nos periódicos nacionais. O *Jornal do Commercio* informa que *El Tiempo*, de Buenos Aires, estava publicando a tradução hispânica feita por José Clementino Soto. O jornal transcreve a nota de apresentação do romance publicada em *El tiempo*, onde nos deparamos com questões que, até hoje, permanecem sem respostas na historiografia:

[...] *Inocência*, saltando as fronteiras do Brasil, pátria do autor, deu, pode afirmar-se com verdade, volta ao mundo inteiro, tendo sido vertida em francês, inglês, italiano, alemão, dinamarquês, sueco, e, o que muito mais raro é ainda, em japonês, segundo a tradução inglesa. Com razão já se observou, *Inocência* é a obra escrita originalmente em português que, depois dos *Lusíadas* de Camões, maior número de traduções em línguas estrangeiras tem logrado.

---

<sup>21</sup> Notas sobre essa versão foram publicadas em *Gazeta de Noticias*, 26 de fevereiro de 1896, n. 57, e *O Commercio de São Paulo*, 10 de maio de 1898, n. 1516.

Ei-la agora em Espanha!

Qual, porém, a razão de tão extraordinário êxito? Qual a tese, que ideia excepcional que problema grandioso se aventura, se agita, se estuda nas estreitas páginas desse romance, que tem tido o dom de despertar o interesse e de chamar a si a atenção de tanta gente, nas regiões mais diversas do globo? (*Jornal do Commercio*, 27 fev. 1897, n. 58).

A notícia que antecede a nota de apresentação da versão espanhola do romance informa se tratar de uma tradução publicada em periódico da Argentina, e não fica claro quando se afirma que a obra estaria então “em Espanha!”. No entanto, o idioma dessa versão permitiria a difusão da obra em vasto território hispanófono. A tradução para o português da nota de apresentação e sua publicação em periódico brasileiro de grande circulação dimensiona para os leitores brasileiros o alcance e o êxito de *Inocência* no mundo.

*O Commercio de São Paulo* indica, em 1896, que a editora francesa Bouret, com filial em Madri, estaria se ocupando da publicação naquele país de outra versão em espanhol de *Inocência* (16 set. 1896, n. 1064). Nessa época, é a viúva de Charles Bouret, Anna-Faustine Esnault, que dirigia os negócios, sob a designação Vda. Charles Bouret. No entanto, não foram localizados exemplares da tradução espanhola de *Inocência* editada pela família Bouret.

José Vicente Concha, que se tornaria presidente da Colômbia, publicou naquele país sua tradução de *Inocência*.<sup>22</sup> A “Biblioteca de La Nación”, empreendimento editorial do periódico homônimo, também publicou versão em espanhol de *Inocência* no volume 13, em 1902, realizada por Arturo Costa Álvarez (Ramalho, 2023). Não foram localizadas referências a essas duas versões nos jornais brasileiros.

A imprensa brasileira deixou seus leitores a par ainda das traduções de *Inocência* para o sueco e até mesmo para o japonês, como já aludido acima. Em 1896, a *Gazeta de Notícias* publicou a seguinte nota: “O romance brasileiro, *Inocência*, do Sr. Visconde de Taunay, acaba de ser traduzido em sueco pelo Sr. Karl August Hagberg, redator do jornal *Aftonbladet*, que se publica em Stocolmo” (*Gazeta de Notícias*, 26 fev. 1896, n. 57). Carl August Hagberg foi o primeiro a realizar a tradução completa das peças de Shakespeare para o sueco (Broomans; Voorst, 2012), atuando assim como mediador de um autor canônico da literatura universal em seu país. Isso atribui relevo à tradução sueca do romance de Taunay, que foi inclusive publicada num tradicional periódico da Suécia (Gustafsson; Rydén, 2010). No início do século

---

<sup>22</sup> Não foi localizada notícia sobre essa versão nos jornais brasileiros.

XX, o jornal *Pacotilha*, do Maranhão, destacou que “a obra [*Inocência*] tanto tem atravessado os mares e sido reconhecido como joia literária que em 1893 o escritor japonês Kawana Kwnandso mandou pedir a Taunay permissão para trasladá-la à língua de seu país. Serviu-se ele da tradução inglesa” (*Pacotilha* - MA, 25 jan. 1901, n. 22). De acordo com Ryo Kubohira, o verdadeiro nome do tradutor era Uchida Mitsugu, que, além de tradutor, atuava como crítico literário e romancista (2022, p. 56).

#### *1900: a literatura brasileira no exterior se diversifica*

Em 1901, o jornal *Pharol*, de Minas Gerais, noticiou a tradução para o espanhol de *Rosaes*, romance do escritor Arthur Lobo originalmente publicado em 1899. A versão espanhola, segundo o diário mineiro, teria sido publicada em folhetins num periódico chileno. De acordo com a folha, Nelson de Sena, homem de letras e político de Minas Gerais, escreveu carta para a redação do *Diário de Minas* em que testemunha a repercussão da morte de Arthur Lobo, ocorrida havia poucos meses, na capital chilena: “o passamento do inesquecido Arthur Lobo foi comemorado em Santiago, onde, devido aos bons ofícios do dr. Nelson, era bastante conhecido o poeta dos Evangelhos” (*Pharol*-MG, 27 dez. 1901, n.151). Como mostra a nota, Nelson de Sena exerceu, assim, o papel de intermediador cultural no Chile, o que pode, inclusive, ter favorecido a tradução do romance de Arthur Lobo naquele país.

No ano seguinte, outro romance brasileiro ganhou versão em língua espanhola: *Canaã*, de Graça Aranha, era publicado em 1902 nos folhetins do jornal *La Nación*, de Buenos Aires, em versão de Roberto Payró. A *Pacotilha*, folha do Maranhão, trouxe a notícia em destaque, na primeira página, na qual transcrevia ainda trecho de um “estudo crítico” sobre o romance do célebre escritor maranhense, que foi igualmente publicado no periódico argentino ao lado de “um magnífico retrato do autor”. O trecho do “estudo crítico”, transcrito pela *Pacotilha*, aponta para similaridades entre a obra brasileira e aspectos existentes na Argentina, aproximando assim o romance do leitor local:

Muitos dos costumes que Graça Aranha revive com o golpe de vista observador que é prerrogativa da sua raça, são os mesmos que distinguem os nossos camponeses e os nossos imigrantes. Vários dos personagens de *Canaã*, acotovelamo-los diariamente aqui mesmo nas ruas de Buenos Aires (*Pacotilha*-MA, 18 ago. 1902, n. 196).

O jornal *A Republica*, do Rio Grande no Norte, oferece igualmente a transcrição de trechos, em português, do “estudo crítico” sobre *Canaã* veiculado em *La Nación*, saudando a

aparição da versão espanhola, que, segundo o periódico, preencheria assim uma lacuna quanto ao conhecimento de obras literárias brasileiras na Argentina: “O Brasil salda agora brilhantemente a sua dívida para com a Argentina, brindando-lhe *Canaã*, a obra prima de um dos seus mais esperançosos escritores modernos” (*A Republica-RN*, 5 set. 1902, n. 190).

Outro escritor brasileiro em evidência à época se projetava internacionalmente, por meio da tradução para o francês e também para o espanhol, ambas no mesmo ano. Domingos Olímpio publicou em 1903 seu romance *Luzia-Homem*, cujas versões em língua estrangeira ganharam repercussão na imprensa brasileira. Em maio de 1903, os jornais *O Pharol*, de Minas Gerais, e *Diário de Pernambuco*, informavam: “*Luzia Homem*, belo romance do dr. Domingos Olímpio, está sendo traduzido para o espanhol e o francês por um diplomata platino e um jornalista francês, residentes no Rio de Janeiro (*Diário de Pernambuco-PE*, 26 maio 1903, n. 116). Alguns capítulos da tradução francesa foram publicados em *L’Étoile du Sud*, semanário brasileiro redigido em francês, sob o título *Belle et forte*, versão assinada por Mme Ch. Morel, provavelmente esposa de Charles Morel, fundador e redator do semanário (Guimarães, 2015). *Belle et forte* começou a ser veiculada em 17 de maio de 1903 e foi interrompida em 5 de julho de 1903, quando tinha sido iniciado o quinto capítulo, devido a uma polêmica com articulista do *Jornal do Commercio*, que acusou o *Étoile du Sud*, periódico dirigido por estrangeiros, de publicar o romance brasileiro ao lado de um artigo sobre a questão do Acre, cujo teor feriria a soberania brasileira (*Jornal do Commercio-RJ*, 5 jul. 1903, n. 185).<sup>23</sup> O *Étoile du Sud* justifica nos seguintes termos a suspensão da publicação da tradução francesa do romance:

O signatário de um artigo anônimo publicado na seção irresponsável<sup>24</sup> do *Jornal do Commercio* no dia 5 corrente insinua que o *L’Étoile du Sud* tem muita honra em traduzir *Luzia-Homem* e que isso parece beneficiar sua administração de alguma forma.

Estamos suspendendo a publicação a partir de hoje.

Lamentamos o fato para o autor, a quem as mais simples noções de cortesia deveriam ter levado a fazer justiça imediata a *um Acreano*,<sup>25</sup> em relação ao

<sup>23</sup> Na passagem em que cita *Luzia-Homem*, o autor do artigo, que assina como “Um acreano”, escreve: “O *Étoile du Sud* de 28 de junho traz no seu rodapé a tradução francesa do ‘*Luzia-Homem*’, romance do reconhecido patriota Dr. Domingos Olympio, e nas colunas altas um artigo sobre a questão do Acre no sentido boliviano, artigo em que elogia o Sr. General Dionísio Cerqueira pela política que seguiu e procura contrariar a quem vai observando o Governo atual”.

<sup>24</sup> O redator se refere à coluna paga do jornal.

<sup>25</sup> Pseudônimo do contendor do *Jornal do Commercio*.



*L'Étoile du Sud*, cuja redação conta com mais patriotas do que todo o disputado território do Acre (*L'Étoile du Sud*-RJ, 12-14 jul. 1903, n. 28).<sup>26</sup>

Ao que parece, o redator de queixa da falta de defesa em favor do *Étoile du Sud*, o que aparentemente dissuadiu seu diretor, Henrique Morel, de continuar a publicação.

Em 1904, a *Pacotilha* publica artigos sobre Aluísio Azevedo, em que indica que *O Mulato* foi traduzido em espanhol e publicado no jornal *La Nación*, de Buenos Aires, tendo alcançado sucesso, o que teria suscitado a preparação da tradução de outro romance do escritor, *A mortalha de Alzira*. O fato de Aluísio Azevedo ter tido sua obra traduzida constituiu, para o redator da *Pacotilha*, um de seus maiores êxitos literários: “Entre os mais notáveis triunfos de Aluísio, certo deve ser posto em relevo este da tradução e publicação em folhetim, e posteriormente em volume, de dois dos seus bons romances na ‘Nación’”. A nota segue louvando o jornal, por “ter sabido conhecer o valor de um dos nossos mais distintos compatriotas” (*Pacotilha*-MA, 7 mar. 1904, n. 56). Yane Ramalho (2023) identifica a existência da versão espanhola de *O Mulato*, *El Mulato*, em livro na coleção “Biblioteca de la Nación”, com edição em 1904 e segunda edição em 1907. Contudo, parece não ter sido realizada a publicação da versão espanhola de *A mortalha de Alzira*.

Em 1905, a tradução de *Esaú e Jacó* para o espanhol recebeu breve nota do *Jornal Oficial*, de Espírito Santo: “A Biblioteca da *Nación* acaba de publicar uma tradução do *Esau e Jacob*, o romance brasileiro do conhecido escritor Sr. Machado de Assis, Presidente da nossa Academia de Letras. A tradução é do Sr. Roberto Payró, escritor argentino” (*Jornal Oficial*, 6 out. 1905, n. 212). Apenas dois livros de Machado de Assis foram traduzidos durante a vida do escritor, ambos em espanhol: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1902, tradução publicada em Montevideu, e *Esaú e Jacó*, na referida versão de 1905 (Guimarães, 2023). Enquanto o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* levou mais de duas décadas para obter uma tradução em língua estrangeira, no que se refere a *Esaú e Jacó*, constata-se que sua versão traduzida esteve rapidamente disponível para um público estrangeiro, uma vez que o romance original foi publicado no final de 1904.

---

<sup>26</sup> “Le signataire d’un article anonyme publié dans la section irresponsable du *Jornal do Commercio* du 5 courant insinue que *L’Étoile du Sud* est trop honorée de traduire *Luzia-Homem* et qu’il semble en résulter pour sa direction un profit quelconque. Nous en interrompons dès aujourd’hui la publication. Nous le regrettons pour l’auteur que les plus simples notions de courtoisie eussent dû porter à faire justice immédiate de *um Acreano*, vis-à-vis de *L’Étoile du Sud*, dont la rédaction compte plus de patriotes que tout le territoire de l’Acre contesté”.

Outro romance brasileiro traduzido viria a ser notícia nos jornais apenas em 1910, quando foi publicada a versão francesa de *Canaã*. *A Provincia*, de Pernambuco, informa: “A livraria Plon, de Paris, lançou ontem (traduzido para o francês) o romance *Canaã*, do dr. Graça Aranha. Analisando-o no *Jornal des Débats*, o sr. Mauricio Mouret (sic) o qualifica de poema sociológico e tece-lhe calorosos elogios” (*A Provincia*-PE, 23 out. 1910, n. 272). A análise de Maurice Muret foi publicada no referido diário francês em 21 de outubro de 1910, na seção intitulada “Notes de littérature étrangère”. No texto, Muret estima que a tradução então recentemente publicada é “digna de nota”<sup>27</sup> e trata o romance de “poema sociológico sobre o Brasil”.<sup>28</sup> Mesmo sendo apresentado com certo prestígio, o romance é visto como exótico, da mesma forma que outras traduções de obras brasileiras que circularam na França. Esse exotismo, aliado a um cientificismo, asseguraria, segundo o crítico, o valor dessa obra.

Essa tradução francesa de *Canaã*, realizada por Clément Gazet, teve uma tiragem de apenas 20 exemplares, conforme de lê na edição publicada pela editora Plon-Nourrit, o que demonstra antes um anseio de dar visibilidade ao romance por meio de sua translação para um idioma de prestígio do que um interesse em sua comercialização no mercado de livros francês. Para o autor do prefácio, isso parece ser suficiente para irromper num espaço literário que é marcadamente fechado: “Refiro-me à invasão da literatura estrangeira em países onde a literatura nacional tinha até então exercido um domínio exclusivo e enciumado” (Prozor, 1910).<sup>29</sup> Tomando parte desse significativo aumento das traduções, Graça Aranha faria justiça a uma “elite brasileira que precisa ser conhecida pelas suas obras e pelos seus méritos” (Prozor, 1910).<sup>30</sup>

A tradução permitiu, portanto, a repercussão da obra e de seu autor entre críticos na França. O jornal *A República*, do Paraná, também destacou textos críticos publicados em periódicos franceses sobre *Canaã*: “É a propósito da sua tradução francesa, que acaba de aparecer, que nas colunas do *Figaro*, o historiador italiano Ferrero faz a crítica desse

---

<sup>27</sup> “Un poète à l’esprit scientifique, je définirais volontiers de la sorte l’auteur de *Chanaan*, roman brésilien traduit du portugais, tout récemment paru et fort digne d’être remarqué”.

<sup>28</sup> “[...] ce que j’appellerais volontiers son poème sociologique sur le Brésil”.

<sup>29</sup> “Je veux parler de l’invasion des littératures étrangères dans les pays où la littérature nationale avait, jusque-là, exercé une domination exclusive et jalouse”. PROZOR, M. Préface. In ARANHA, Graça. *Chanaan*. Paris: Plon-Nourrit et Cie, 1910, p. ii.

<sup>30</sup> “[...] élite brésilienne qu’il est temps de faire connaître par ses œuvres et par ses mérites”. PROZOR, M. Préface. In ARANHA, Graça. *Chanaan*. Paris: Plon-Nourrit et Cie, 1910, p. xi.

romance”. Após oferecer ao leitor um resumo do teor da crítica de Ferrero, o jornal ainda informou sobre a publicação de outra crítica: “a revista literária *Opinion* considera *Canaã* um romance do mais alto valor literário” (*A Republica-PR*, 7 nov. 1910, n. 261).

Nesse mesmo ano de 1910, *O Guarani* foi traduzido para o espanhol por Arturo Costa Álvarez e publicado na coleção “Biblioteca de la Nación”, de iniciativa de Roberto Payró. Essa tradução foi estudada Yane de Andrade Ramalho (2023). Contudo, não foram localizadas até o momento referências na imprensa brasileira a essa versão.

### *Considerações finais*

Como se pode verificar, o exotismo pautou a seleção de obras brasileiras traduzidas, o que indica que não era apenas o propósito das pessoas de letras no Brasil de tornar conhecida a literatura brasileira no exterior que determinava essas escolhas, mas também o interesse de intermediadores e leitores estrangeiros, que se voltavam para a literatura do Brasil a fim de ter contato com costumes e sabor locais peculiares. A literatura brasileira contava com obras que representavam aspectos da sociedade urbana brasileira, como *Lucíola*, de Alencar; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis ou *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Esses romances não correspondiam, contudo, com o imaginário estrangeiro relativo aos costumes brasileiros. Apenas no século XX, como se viu, a literatura brasileira traduzida conheceu alguma diversificação.

Analisando os textos publicados na imprensa brasileira sobre as traduções de romances nacionais, é possível constatar que “Tornar conhecido o Brasil”<sup>31</sup> era uma espécie de *leitmotif*, pois as versões em língua estrangeira das obras brasileiras contribuíam para o reconhecimento da literatura brasileira e sua inserção no cenário internacional. Conforme Pascale Casanova:

No universo literário global, a tradução é tanto uma das principais armas na luta pela legitimidade literária quanto a principal instância de consagração específica. Para um escritor dominado, lutar pelo acesso à tradução significa lutar por sua própria existência como membro legítimo da república mundial das letras, pelo acesso aos centros, às instâncias críticas e consagradoras,

---

<sup>31</sup> *Publicador Maranhense*, 25 de março de 1876, n. 70.

para ser lido por aqueles que decretam que o que eles leem vale a pena ser lido (Casanova, 2002).<sup>32</sup>

O caso da *tiktoker* Courtney Henning Novak, que gerou uma grande repercussão do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, no meio anglófono demonstra como intermediadores bem inseridos em suas áreas de atuação têm o poder de dizer o que “vale a pena ser lido”. No século XIX, os escritores brasileiros, em busca de reconhecimento, recorriam eles mesmos a diferentes intermediadores, que permitiram às obras brasileiras traduzidas serem reconhecidas nos espaços literários estrangeiros. Por meio da imprensa, os romances traduzidos passaram a ser conhecidos também no Brasil. Esse tipo de publicidade no próprio país garantia aos escritores nacionais um lugar de prestígio no espaço literário local por lhes conferir legitimidade. A visibilidade internacional da literatura brasileira somava-se, assim, aos esforços dos escritores que atuavam em prol da construção e consolidação do que ficou conhecido, nas palavras de José de Alencar, destacadas por Sébastien Rozeaux, como o “grande monumento nacional” (Rozeaux, 2022).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Estela dos Santos. *Ouvrages brésiliens traduits en français/Livros brasileiros traduzidos para o francês*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008. *Traduções de autores brasileiros e livros sobre o Brasil escritos em idioma estrangeiro*. Rio de Janeiro: Ministério das relações exteriores, 1957.

ALENCAR, José de. *Il Guarany, ossia l'indigeno brasiliano*. Romanzo Storico de J. de Alencar (Traduzione dal Portoghese). Tradução de Giacomo Fico. Milano: Serafino Muggiani e Comp, 1864.

BEZERRA, Valéria Cristina. *A literatura brasileira em cenário internacional: um estudo do caso de José de Alencar*. Belo Horizonte, MG: Relicário/ABRALIC, 2018.

BEZERRA, Valeria Cristina. A presença das obras de José de Alencar na França (1863-1907). *Acta Scientiarum*. Language and Culture, vol. 41, n. 1, 2019. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/41666>. Acesso em: 2 dez. 2024.

BEZERRA, Valéria Cristina. *The Honey-lips e The Guarany: os romances de José de Alencar em língua inglesa no final do século XIX*. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 72, out. 2016. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7140>. Acesso em : 2 dez. 2024.

---

<sup>32</sup> “[...] dans l’univers littéraire mondial, la traduction est à la fois l’une des armes principales dans la lutte pour la légitimité littéraire et la grande instance de consécration spécifique. Pour un écrivain dominé, lutter pour l’accès à la traduction, c’est en effet lutter pour son existence même en tant que membre légitime de la république mondiale des lettres, pour l’accès aux centres, aux instances critiques et consécra-trices, pour être lu par ceux qui décrètent que ce qu’ils lisent vaut d’être lu, etc”.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Quinto volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

BROOMANS, Petra; VOORST, Sandra van. *Rethink Cultural Transfer and Transmission*. Reflections and new perspectives. Groninga: Barkhuis, 2012.

CASTRO, João Bautista de. *Supplemento ao Mappa de Portugal*. Lisboa, Typographia do Panorama: 1870.

CASTRO, Luiz de. *Le Brésil Vivant*. Paris: Librairie Fischbacher, 1891.

GUIMARÃES, Valéria. Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924). *Revista Escritos*. Ano 9, n. 9, 2015. Disponível em [http://escritos.rb.gov.br/numero09/cap\\_02.pdf](http://escritos.rb.gov.br/numero09/cap_02.pdf). Acesso em: 30 ago. 2024.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Machado de Assis: tradução, edição e circulação internacionais. *Machado de Assis em Linha*, v. 16, p. 1-4, 2023. Disponível em <https://www.scielo.br/j/mael/a/4FRqv6WSwxvXrCHfsnVKCKj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2024.

GUSTAFSSON, Karl Erik; RYDÉN, Per. *A History of the Press in Sweden*. Gotemburgo: Nordicom, 2010.

HEINEBERG, Ilana. Peri com sotaque francês: um estudo preliminar de três traduções de *O Guarani* no século XIX. In PELOGGIO, Marcelo; VASCONCELOS, Arlene Fernandes; BEZERRA, Valéria Cristina (Orgs.). *José de Alencar: século XXI*. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

HEINEBERG, Ilana. Um Brasil para francês ler: das traduções do *Guarany* e de *Innocencia* ao exotismo dos romances de Adrien Delpech. In ABREU, Márcia (Org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016.

KUBOHIRA, Ryo. A obra “Inocência” e a introdução da literatura brasileira na Era Meiji do Japão. Instituto Latino-Americano da Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto. Boletim. Vol. 22, 2022. Disponível em [https://www.academia.edu/97727304/A\\_obra\\_Inocencia\\_e\\_a\\_introducao\\_da\\_literatura\\_brasileira\\_na\\_Era\\_Meiji\\_do\\_Japao?f\\_r=211392](https://www.academia.edu/97727304/A_obra_Inocencia_e_a_introducao_da_literatura_brasileira_na_Era_Meiji_do_Japao?f_r=211392). Acesso em: 6 jun. 2024.

MARINESCU, Luiza. Giovenale Vegezzi Ruscalla and the first Romanian Literature courses in Italy. *Arhipelag XXI Press*, Tîrgu Mureş, 2015. Disponível em <https://old.upm.ro/ldmd/LDMD-03/Lit/Lit%2003%2059.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

NABUCO, Joaquim. Aos domingos. In COUTINHO, Afrânio (Org.). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

RAMALHO, Yane de Andrade. *O Guarani* de José de Alencar na Argentina: mediação, tradução e circulação. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

ROZEAUX, Sébastien. *Letras Pátrias*. Les écrivains et la création d’une culture nationale au Brésil (1822-1889). Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2022.

SERRANO, Nicolás María. *Diccionario universal de la lengua castellana, ciencias y artes*. Tomo XII. Madrid: Astort Hermanos, 1878.

SILVA, Frederico Fernando Souza. Arthur Azevedo: o crítico de arte como colecionador / o colecionador como crítico de arte. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

WILLIAMS, Daryle; CHAZKEL, Amy; KNAUSS, Paulo. *The Rio de Janeiro reader: history, culture, politics*. Durham and London: Duke University Press, 2016.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. O encontro do *Ubirajara* alencariano com a sua primeira tradução alemã de 1886. In PELOGGIO, Marcelo; VASCONCELOS, Arlene Fernandes; BEZERRA, Valéria Cristina (Orgs.). *José de Alencar: século XXI*. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. Romance brasileiro em tradução alemã: *O Guarany* e *Innocência* produto nacional e best-seller no longo século XIX. In ABREU, Márcia (Org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789 - 1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016.